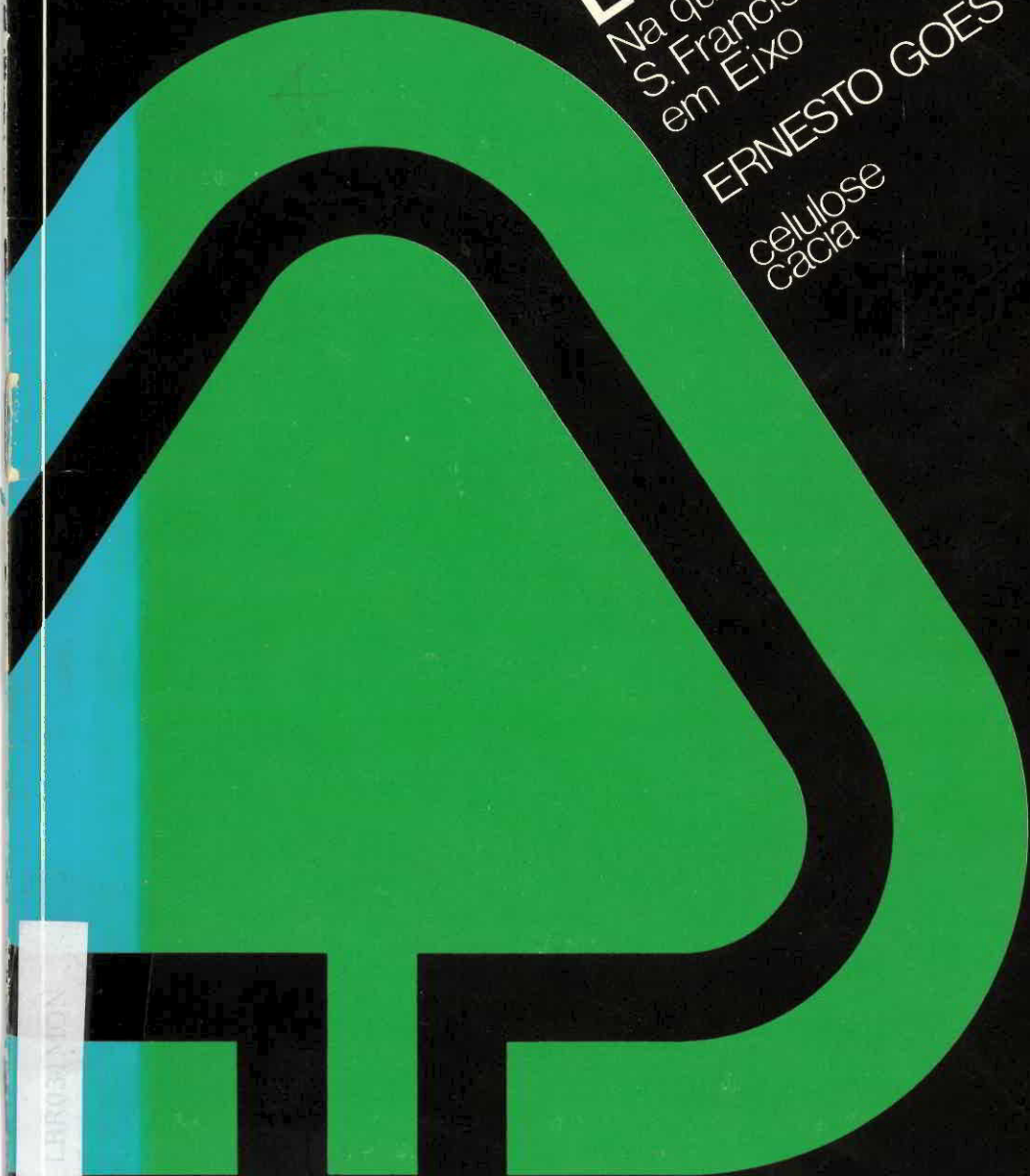


ARBORETO DE EUCALIPTOS

Na quinta de
S. Francisco,
em Eixo

ERNESTO GOES

celulose
cacia



LARSEN

ARBORETO DE EUCALIPTOS

Na quinta de
S. Francisco,
em Eixo

ERNESTO GOES

LBR031MON
Registo nº 5702
Biblioteca Complexo Industrial de Aveiro



MAGALHAES LIMA NA SUA QUINTA DE S. FRANCISCO.

Cada árvore tem seu ritmo, e onde a árvore predomina, por saliência individual ou pela espessura do ajuntamento, essa árvore imprimiu à paisagem o seu ritmo e por ela no-lo comunica e ne'e nos enleva.

Jaime Magalhães Lima

Dele disse Agostinho de Campos: «Amou as árvores, criou-as, embevecia-se na contemplação da sua livre e natural integridade e deixava-as expandir-se com a sua majestosa força e beleza de que Deus as dotou».

...«Algum dia, sob o patrocínio do nome e da memória de Jaime de Magalhães Lima, a árvore será defendida e amada por outros homens»...

Saberemos nós, homens e mulheres do fim do século XX, defendê-La e amá-La?

Nós, os trabalhadores da C.P.C. — «destruimo-La»! Estaremos a pecar contra a Natureza?

Esperaremos que, em breve, um grupo de homens de boa-vontade desta nossa Empresa com a Direcção do C.A.T. — e sob orientação desta — se reuna para — para quê? Para uma «romagem de penitência» ou para a «Festa da Árvore» ou «Festa do Eucalipto» na Quinta de S. Francisco, sob o patrocínio de Jaime Magalhães Lima.

E eu, abaixo assinada, reivindico ir de penitente!

BRANCA DE PINHO

Antes de falarmos da bela e rica colecção de eucaliptos da Quinta de S. Francisco em Eixo, talvez interessasse dizer qualquer coisa sobre eucaliptos, como introdução ao tema que propomos tratar. É de salientar que existem cerca de 700 espécies de eucaliptos, quase todas oriundas da Austrália e Tasmânia, pois apenas 6 vegetam espontaneamente noutras regiões, entre elas 2 na nossa ex-colónia de Timor (*E. alba* e *E. descandiana*, conhecidas respectivamente por Pavão branco e Pavão preto); de todas estas espécies somente cerca de 50 têm interesse económico e destas apenas uma dezena foi largamente fomentada fora do seu País de origem — é o caso de *E. globulus* em zonas de clima nitidamente marítimo, principalmente em Portugal, Espanha e Países da Costa do Pacífico a altitudes de 2500 a 3500 m (Chile, Peru, Equador, Bolívia, etc.), da *E. camaldulensis* (rostrata), *E. gomphocephala* e *E. tereticornis*, na bacia do Mediterrâneo (principalmente em Marrocos, sul de Itália, Argélia, Tunísia, Líbia e Israel) e da *E. saligna*, *E. grandis*, *E. camaldulensis*, *E. robusta*, *E. resinifera*, *E. maculata*, *E. citriodora*, *E. botryoides*, etc..., com tendência apenas a generalizar-se as 2 primeiras espécies, nas regiões tropicais e subtropicais da África Austral (África do Sul, Angola, Rodésia, Madagascar, etc.) e da América do Sul, na sua grande parte no Brasil. Regressando às diferentes espécies de eucaliptos, podemos dizer que há espécies de todos os tamanhos, desde pequenos arbustos de 1 a 2 m

de altura, é o caso da *E. cneorifolia*, que temos no nosso arboreto de Escaroupim (perto de Salvaterra de Magos), cujas folhas são muito ricas em óleo, até às árvores de 90 m de altura, sendo as mais altas do Mundo, ultrapassando mesmo as gigantes sequoias da Califórnia. Em Portugal, na Mata de Vale de Canas, próximo de Coimbra, há eucaliptos com cerca de 70 m, que são as árvores mais altas da Europa. Também os eucaliptos pela sua folhagem, tipo de tronco e floração, são tão distintas, entre si, que por vezes parecem outras árvores — apenas para aguçar o apetite, pois todas essas diferenças iremos encontrar em Eixo, só lhes direi, que há eucaliptos que dão cortiça (muito parecida à dos sobreiros), que o cheiro das suas folhas, não é a «eucalipto», mas sim a hortelã-pimenta, a limão, etc..., que as folhas mais parecem duma magnólia, que as flores podem ser vermelhas e grandes, amarelas, brancas, etc... Também não quero deixar de citar que os eucaliptos foram introduzidos em Portugal por volta de 1830, supondo-se que os mais antigos foram plantados na Quinta da Formiga, em Vila Nova de Gaia, onde poderemos ainda admirar alguns belos exemplares de *E. obliqua* e de *E. viminalis* cujos troncos têm diâmetros superiores a 2,5 m (D.A.P.). Só posteriormente por volta de 1860, o eucalipto começou a ter alguma difusão no país, existindo ainda alguns restos dessas plantações principalmente em parques e jardins. Também não queremos

deixar de citar, como caso bastante curioso, que apenas se difundiu a cultura generalizada da *E.*

globulus, se bem que em Portugal tenham sido introduzidas muitas espécies (cerca de 200 por nós identificadas), algumas delas com desenvolvimento igual ou superior à *E. globulus*. Nestas circunstâncias, além do rico arboreto da Quinta de S. Francisco em Eixo, é de mencionar também o da Mata do Escaroupim com cerca de 120 espécies, das Virtudes na Azambuja, da Nova Austrália em Abrantes, do Choupal e Jardim Botânico em Coimbra, etc...

Regressando outra vez à Quinta de S. Francisco no Eixo, direi que é um dos mais belos e ricos arboretos de eucaliptos da Europa, que foi plantado em 1906 pelo Dr. Jaime Magalhães Lima, sobre o qual escreveu em 1920 um interessante livro, intitulado «*Eucalyptus e Acácias — 20 anos de experiências (coleção Livraria do Lavrador)*» em que divulga os seus conhecimentos e os resultados obtidos com as principais espécies plantadas. Foi em 1953 que visitei pela primeira vez a Quinta de S. Francisco, tendo ficado deslumbrado com o porte gigantesco de muitas das espécies plantadas, e que conheci o Sr. Herculano, que tinha sido o colaborador do Dr. Magalhães Lima na plantação daquele arboreto, e por esse facto um grande apaixonado dos eucaliptos e o maior defensor daquele riquíssimo património nacional. Conhecia como ninguém o nome de todas as espécies e o seu comportamento ao longo dos anos,

no entanto ficou muito revoltado, e depois muito triste, quando eu a certas espécies as baptizei com outros nomes — ao princípio não aceitou, porque o livro do seu antigo patrão, dizia *assim* e por isso não se discutia. Foi difícil convencê-lo, no entanto depois aceitou plenamente, e mais tarde falava a mesma linguagem dos botânicos, tendo ficado altamente reconhecido quando lhe ofereci o meu livro «*Os eucaliptos em Portugal, I Vol.*» onde apresento uma chave de identificação das principais espécies de eucaliptos introduzidas no País.

A razão das incorrecções de algumas espécies, resultou de enganos de origem, de sementes compradas na casa Vilmorin de Paris, com etiquetas erradas; se bem que seja inacreditável, são frequentes esses enganos, como aliás aconteceu em muitos outros casos.

Em 1954, tive o prazer de acompanhar durante uma semana o Prof. André Métro, um dos maiores especialistas mundiais de eucaliptos, tendo-lhe mostrado todos os principais arboretos do País, entre eles o de Eixo, que considerou a mais espectacular colecção que tinha visitado. Sobre o Sr. Herculano, também ficou muito impressionado pelos seus conhecimentos práticos, em matéria tão especializada. Mais tarde por volta de 1960 conheci a proprietária desta Quinta, Sr.^a D. Maria Leocádia de Magalhães Lima Mascarenhas, filha do Dr. Magalhães Lima, que tinha regressado ao País, depois de ter vivido muitos anos no Ultramar.

Trata-se de uma Senhora, que

também viveu a obra do pai, e que propôs a venda desta Quinta aos *Serviços Florestais*, pois seria o Estado, melhor que ninguém que poderia zelar por tão grande preciosidade. Nestas condições encarreguei-me de influenciar tudo e todos, a fim de se adquirir esta propriedade, tendo feito neste sentido uma informação ao Sr. Secretário de Estado da Agricultura, que infelizmente despachou desfavoravelmente «*atendendo à situação que o País atravessa*» (início das guerras coloniais).

Mais tarde tive conhecimento que iriam cortar os belos exemplares daquela Quinta, pois haviam compradores que ofereciam valores apreciáveis por cada um daqueles gigantescos eucaliptos, alguns de madeira que imitavam o próprio mogno. Nestas circunstâncias ainda se pensou em considerar por lei este arboreto de interesse público, o que limitaria muitíssimo o direito de propriedade, no entanto foi posta de lado esta ideia, em virtude da proprietária que também lhe repugnava o corte das citadas árvores, se ter comprometido, apenas verbalmente, em cortar unicamente os *Eucalyptus globulus*. Depois disso ainda fui 2 vezes à Quinta de S. Francisco e agora passados alguns anos, esta hipótese, de admirar esses tão belos e únicos exemplares de eucaliptos, é para mim muito agradável, prazer este reforçado por poder assim fazer franca propaganda dos eucaliptos, e talvez, quem sabe, se desta visita se possa realizar o «velho sonho» da aquisição desta Quinta para o Estado ou para

a nova Empresa Florestal das Celuloses.

Depois de tanta tinta derramada, agora verifiquei que ainda não falei sobre a «*coleção de eucaliptos do Fico*». Pois bem, como introdução à visita que iremos fazer direi: que foram plantadas cerca de 80 espécies de *Eucalyptus*, existindo presentemente cerca de 60, algumas de porte excepcional, com D.A.P. (diâmetro e altura de peito) superiores a 1,0 m e alturas de 40 a 50 m.

É de assinalar, como árvores mais majestosas, alguns exemplares de *E. Smithii*, *botroyides*, *obliqua*, *viminialis*, *Maideni*, *linearis*, *pilularis*, *capittelata*, *pauciflora*, *globulus*, *punctata*, etc... Pelas suas características próprias, no que se refere à casca do tronco teremos: a *E. creba*, *paniculata* e *melanophloia* com casca que lembra a cortiça virgem; a *E. scabra*, *robusta*, *botroyides* e *macronhynca* de casca espessa e muito fibrosa; a *E. Smithii*, *sideroxylon*, *siderophloia*, com casca vermelha e espessa, que lembra a carrasca do pinheiro; a *E. maculata* e *citriodora*, com casca lisa e malhada que lembra a do plátano; a *E. linearis*, *pauciflora* e *viminialis* com casca muito branca e lisa; a *E. microcorys*, com casca espessa, que se destaca em folhas como se fora papel, etc...

No que respeita a folhas há a considerar a sua cor (verde-escura e clara, azulada, glauca ou conzenta-clara), a forma (linear, ovada, lanceolada, fauciforme e orbicular ou redonda) e o cheiro em resultado do óleo essencial que contém («a

eucalipto», a hortelã-pimenta, a limão, a jasmim, etc.). Assim é de considerar as folhas da *E. robusta*, *colophyla* e *ficifolia* que lembram as da magnólia; as da *E. cordata* orbiculares e cinzentas-claras que são muito ornamentais; as da *E. Smithii*, *lindleyana*, *linearis* e *Andreana*, que tem um forte odor a hortelã-pimenta e as da *E. citriodora* a limão. Também é de assinalar as flores vermelhas e grandes da *E. ficifolia* e a abundante floração branca da *E. lindleyana*, cobrindo não raras vezes toda a árvore dum manto branco, mesmo os próprios troncos e ramos.

Muito mais se poderia dizer sobre estes eucaliptos, no entanto julgo ter mais interesse continuar esta divagação no local, mesmo junto às próprias árvores.

Sobre a madeira pouco poderei acrescentar, pois para ser completa a descrição tornar-se-ia necessário cortar algumas árvores, o que todos concerteza reprovarão. No entanto, não quero deixar de assinalar, que algumas destas espécies produzem madeiras valiosas, que imitam o verdadeiro mogno, as quais até há bem pouco tempo eram vendidas na América e na Europa, como o *mogno australiano*. Para finalizar direi — até breve, na Quinta de S. Francisco.

Lisboa, 10 de Março de 1976.



Centro de Produção
Fabril CACIA

PORTUCEL

The Navigator Company

Biblioteca Complexo Industrial de Aveiro

LBF.031MON



BCFC1896MON